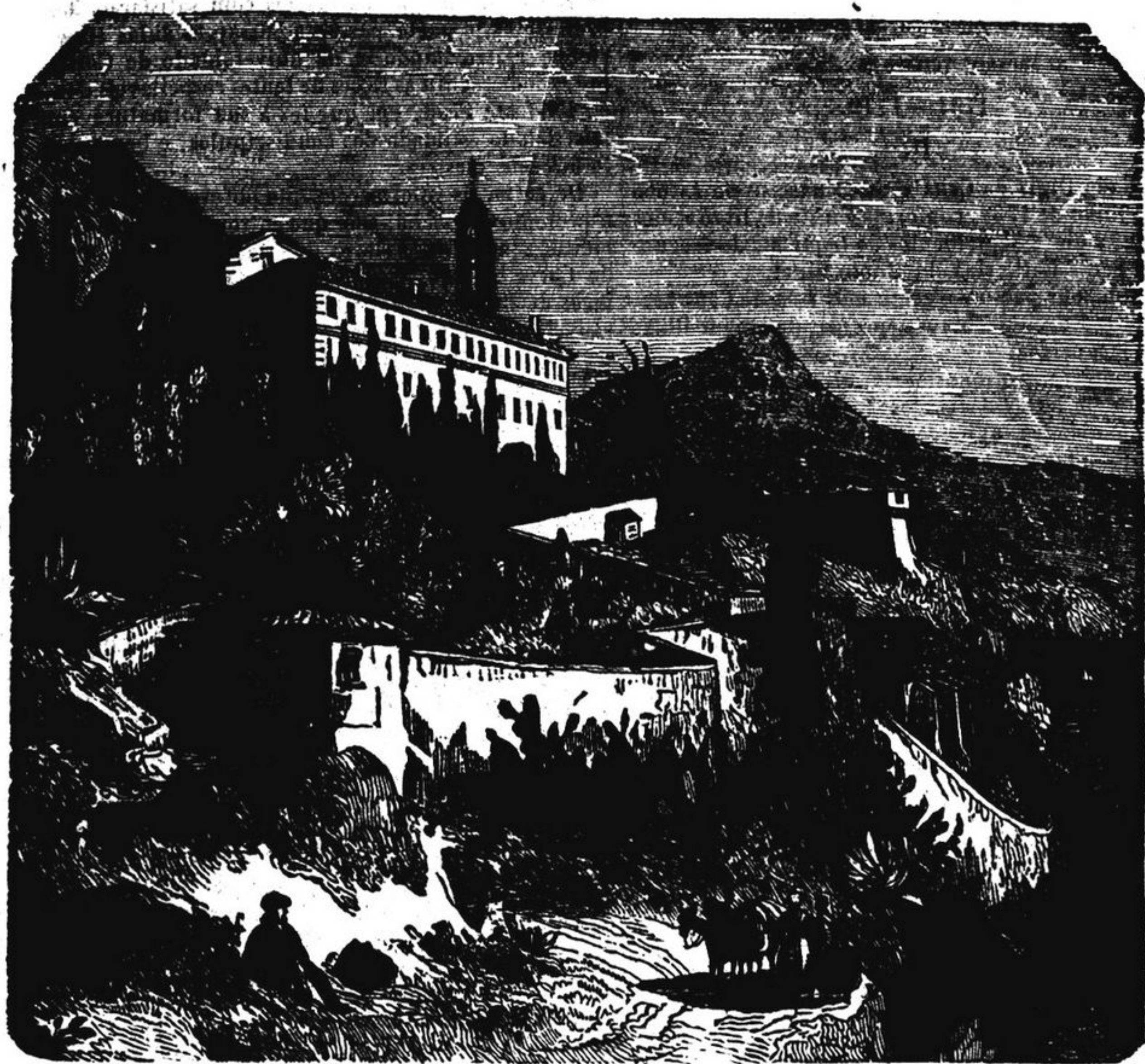




ITALIA — CASERNA DE MONACO.

Monaco é, como todos sabem, uma pequena, e antiquissima, mas formosa cidade da Italia, que fórma só per si o principado do mesmo nome, de todos os estados da Europa o mais insignificante e inoffensivo, não mettendo em linha de conta a republica de Andorra, cá na nossa poetica península.

Fica Monaco, em 5° 2' longitude, e 43° 48' de latitude, e assente em um rochedo que se prolonga para o mar, formando um porto seguro e amplo.

Com quanto o territorio d'este principado seja limitadissimo, produz em abundancia laranjas, limões, e generos cereaes de todas as especies, e de excellente qualidade. A sua flora é tambem de uma riqueza e variedade que maravilham, attenta a exiguidade do solo!

Bem edificada e limpa, o que não é vulgar na maxima parte das cidades italianas, não se cuide com tudo que em Monaco depara o viajante com esses antigos monumentos que aformoseiam e honram a terra do Lacio, convidando os forasteiros. Construcção bem notavel só achámos que o seja a chamada *caserna*. É este vasto edificio situado na extremidade da cidade, do lado da Porta Nova, e serve de quartel para um corpo de tropas piemontezas na força de 500 praças.

N'outro tempo reputava-se esta caserna acastel-

lada como uma fortaleza inexpugnável. As suas muralhas se acolhiam os terriveis piratas monacenses que tripolando ligeiros baixeis, vogavam rapidos como o raio, do porto de Hercules sobre os navios mercantes que avistavam proximos á costa.

Desde a invenção da artilharia a caserna ou cidadella de Monaco não pôde offerecer a quem quer que seja meio algum serio de defeza; pois que com effeito é dominada pela elevada serraania a que chamam *Cabeça de cão*, pertencente á Sardenha, e uma peça de mediano calibre ali collocada seria sufficiente para a arrazar em pouco tempo.

Depois de haver sido successivamente occupada pelos hespanhoes, depois pelos francezes, que foram por espaço de cento e sessenta annos os protectores do principado, a caserna de Monaco recebeu em 1815 algumas tropas inglezas aquarteladas anteriormente em Nice, que fica a pouco mais de duas leguas de distancia. A final aquellas tropas foram rendidas por duas companhias de um regimento anglo-italiano a soldo da Inglaterra; e ahí se conservaram até assignar-se o segundo tratado de París.

Um pouco abaixo da caserna está situado o passeio publico, magnifico repositório de plantas tropicaes. D'este passeio disfructa-se um panorama delicioso.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA,

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

II.

Antonio Diniz da Cruz e Silva nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1731, conforme consta do livro nono, folha 292 dos assentamentos de baptismo da freguezia de Santa Catharina do Monte Sinai.

Foram seus paes o sargento-mór João da Cruz Lisboa, e D. Eugenia Thereza, pessoas de sangue illustre, e boa origem.

Na congregação do oratorio, seminario de varões insignes em letras e virtudes, frequentou os estudos de humanidades, aprendendo a grammatica latina, e o philosophia, com applauso de seus mestres, e provas evidentes de talento.

N'esse tempo a casa do Espirito Santo encerrava homens doutos, dedicados á sciencia, e desapegados de abusões e preconceitos. Emulos dos padres da companhia de Jesus, sobresaíam pela pureza da doutrina, pelo desprezo das ambições mundanas, e pelo desinteresse, com que se dedicavam a formar discipulos instruidos, crentes, e estranhos aos enredos e beaterios, com que os socios de Santo Ignacio procuravam sustentar o edificio, já abalado, da sua preponderancia.

Não sei se os oratorianos se inclinavam um pouco ás maximas de Jansenius, tão mal vistas dos theologos jesuitas, e a instancias d'elles condemnadas pelos curiaes de Roma; mas póde affirmar-se, que no seu retiro, como os solitarios de Porto Real, eram exemplares nos costumes, veneraveis pelo saber, e modestos no exercicio das virtudes praticas.

Basta examinar a sua bibliotheca selecta, e comparar as obras dos seus escriptores, para se lhes conceder a palma, sem lisonja.

Despidos de fanatismo, severos sem fingidos escrúpulos, e lealmente consagrados á educação da juventude, desde que principiaram a apparecer os congregados foram com motivo suspeitos e hostis aos seus rivales de S. Roque.

Os homens e o instituto regiam-se por oppostas leis, e se a ambição e a opulencia desvairavam os ultimos, o agrado do soberano, e o elogio dos eruditos nunca desviaram os primeiros da sua risonha benevolencia, e da sua abstenção politica.

Em quanto a roupeta de Santo Ignacio varria os paços e as camaras dos poderosos, insinuando-se para ter o ouvido dos menarchas e dos ministros, o habito dos congregados fugia das seducções da grandeza, e refugiava-se d'ellas no asylo silencioso das livrarias e da meditação; por isso o golpe que prostrou os jesuitas deixou incolumes os padres do oratorio, que herdaram, sem a pedir, e por direito incontestado, parte da influencia, que o confissionario e o pulpito tinham grangeado aos missionarios da Asia e da America.

Estudando com mestres, firmes nas verdades da religião, mas isentos de superstições, e contrarios a subterfugios casuisticos, Antonio Diniz bebeu no seu ensino as theorias illustradas, e as opiniões imparciaes, que as suas obras depois reproduziram. Algumas das reflexões satyricas do *Hyssope* lembram mais de uma vez a aversão dos congregados ás pias fraudes, com que os solipsistas e mendicantes cos-

tumavam especular, zombando sem remorso dos credulos e beatos.

Approvado nos preparatorios com satisfação dos professores, o poeta passou a cursar as aulas superiores, matriculando-se na universidade de Coimbra, aonde seguiu as lições de lentes respeitaveis desde 1747 até 1753, em que fez a sua formatura em leis, saindo estimado dos condistipulos, e bemquisto dos seus mestres.

De certo, ás informações que obteve é que deveu o prompto despacho, com que entrou na carreira juridica, sendo já secretario de estado Sebastião José de Carvalho, mas correndo as mercês ainda pelas mãos de Pedro da Motta, velho caduco, e quasi invisivel, que da sua cama, e com a cabeça mettida no seu barrete de folhos, continuava no reinado de D. José I a privança, que alcançara nos ultimos annos de D. João V, graças a seu irmão o cardeal da Motta.

Diniz unia aos conhecimentos da sua profissão, e á integridade de carácter, maneiras muito insinuantes, uma veia jovial e quasi inexgotavel, e grande felicidade de citações opportunas.

Dotado de memoria facil, versado nas letras antigas e nas obras da escola franceza; applicava com discernimento a sua erudição, e sabia inclinar as conversações familiares de modo que as suas prendas não ficassem escurecidas.

As tradições que nos restam d'elle pintam-o como sendo absolutamente o opposto da rigidez taciturna e cabeçuda da velha raça desembargatoria. Os autos, por mais aridos, nunca seccaram a alegria quasi petulante da sua critica, talvez um pouco mordaz, nem murcharam o verdor da sua phantasia arrebataada. Soube ser bom juiz e bom poeta ao mesmo tempo. Quem ganhou com esta agudeza e primor do espirito foram as letras, e a fortuna pessoal do poeta.

Admittido aos serões privilegiados do marquez de Pombal, arbitro do governo, descobriu o modo de lhe captar a benevolencia, e com os annos conseguiu introduzir-se na sua amizade.

Os dias de festa do ministro eram dias de inspiração para o auctor do *Hyssope*. A sua musa, docil e complacente, esfolhou as rosas de Anacreonte, e embocou a tuba heroica, cantando em nome da posteridade os louvores do restaurador de Lisboa, e os jubilos da sua intimidade.

Mais feliz do que o Quita, ou mais flexivel, (apesar de tudo quem sabe!) as odes, e os sonetos aulicos não foram perdidos. Celebrando natalícios e epithalamios, attrahia, com os sorrisos do marquez, os premios e as mercês; e na velhice, olhando para a toga e para a lyra é de crer que o grave magistrado não pudesse dizer bem a qual d'ellas devia mais!

Em quanto a austeridade espartana do Garção o arrastava das estreitezas da indigencia para a humida escuridão dos carcerees; em quanto as eclogas e idyllios do Quita, em recompensa de servis adulações apenas obtinham promessas não cumpridas, a musa de Elpino, ditosa e elogiada, brilhava, coroada de favores, e quasi que não formava um desejo, que não fosse logo satisfeito!

A protecção do valido d'el-rei D. José desviou-lhe os emulos, obrigou as inimidades a calarem-se, e aplanou-lhe todos os caminhos.

Nomeado juiz de fóra de Castello de Vide é natural, que n'este lugar de primeira instancia concluísse o triennio costumado, passando a servir, depois, o emprego de auditor em um dos regimentos d'infanteria, pertencentes á guarnição da praça de Elvas.

N'esta cidade, para entreter as horas de descanso,

e ao mesmo passo para largar as redeas á jovialidade satyrica, é que Diniz tentou a composição do seu poema heroi-comico, o *Hyssope*, imitando em livres traços, e com galas proprias a *Estante do Côro* (Lutrin) de Boileau, e o *Balde roubado* (Secchia rapita) de Tassoni.

Uma scena digna da risada dos deuses de Homero ministrou-lhe o assumpto.

O deão da Igreja de Elvas, José Carlos de Lara, depois de ter vindo offerecer o bento hyssope ao bispo D. Lourenço de Lencastre, á porta da casa do cabido, arrependeu-se, e esbulhou o prelado d'este feudo reverente, esfriando a amizade que os ligava.

D. Lourenço não supportou de bom grado a suspensão da honraria canonical, e tomando-a por affronta, machinou com alguns parciaes obrigar o Lara a continuar-lhe o obsequio, reputado já por elle como de posse episcopal.

Fulminou-se entre todos um accordão, e sob pena de pezada multa foi o deão compellido a obedecer ao orgulho do seu pastor; e debalde appellou da injusta decisão, porque não foi provido, e só nos dias de seu successor e sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos é que o abuso teve termo.

Elpino aproveitou-se habilmente da tela, que se lhe offerencia; e o seu pincel, correndo por ella solto, deu a immortalidade do ridiculo, não só aos dous contendores, mas a diversas figuras secundarias, que de boa mente a dispensariam.

É de suppor que o poeta recatasse a obra, e a escondesse dos olhos das victimas, que, assim retratadas do natural, não deviam perdoar a injuria; mas também não pôde negar-se, que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado, e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo ou ouvindo ler, os cantos d'aquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção, e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

Imagine-se o effeito d'esta revelação com o caracter do bispo, vasio de idéas, abafado em gordura, e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

Algun bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

Irado e convulso jurou ali mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhára o Lara; mas d'esta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os accordãos do cabido caíam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

Para a vingança corresponder ao ultrage, o meio unico era accusar o magistrado perante a côrte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

Não ha almas tão ferinas como as almas dos devotos, Boileau o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, sua ex.^a ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de brazão, e com o maior segredo ácerca do objecto da jornada, poz-se a caminho para Lisboa.

Teve o Diniz algum rebate da cilada, ou descuidado viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

O que é certo é que o bispo apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da sua queixa, exagerando a offensa, e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desaforado, e outros mil, que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe

atravez dos patibulos da praça de Belem, e dos rigores de um ministerio inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto, preveniram-o a favor do inculpado auditor.

A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas, em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idéa uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*. «Póde v. ex.^a retirar-se tranquillo, disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira, e deitando-lhe a historica luneta. S. Magestade examinará o caso, e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte, e assistirá ao desaggravo.»

Pronunciadas estas palavras, com toda a solemnidade, e despedido o bispo com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação, ou antes a promettida lição.

Um aviso da secretaria de estado, com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a receiar, que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

Entretanto, estava feito o mal; e não havia remedio senão obedecer.

Safu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, aonde pouco depois recebeu ordem para em certo dia, de manhã, estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar comsigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

Assim que entrou na sala o Diniz sobresaltou-se. Diante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de sua ex.^a, sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante, e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a cerimonia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correções despoticas, tão usuaes no seu governo.

«Queira tomar uma cadeira, e ouvir, com o respeito devido, o que sua ex.^a tem a dizer!» observou o ministro, depois de curta pausa.

Voltando-se depois para o prelado, accrescentou: «Queira v. ex.^a fallar!»

Quem não cabia em si de jubilo era o bispo. Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras, e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrezoadado inepto, quando a respiração se lhe cortou, e as bochechas abrazadas pareciam estalar. «Muito bem! acudiu o marquez. Agora, que já ouvi a v. ex.^a, pede a justiça, que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?»

«Senhor!...» murmurou o poeta encolhendo-se. «Tenha a bondade de ler!» continuou o ministro. «Diante de sua ex.^a?!...» balbuciou o Diniz cada vez mais assombrado.

«Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; sua ex.^a é um ministro de Deus, e deseja

ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçamos esses atrevimentos, com que vm.^{ca}, pelo que me consta, e o sr. bispo afirma, não recebeu offender a Deus...

O Diniz era poeta, e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

Demais, os seus olhos, passando da physionomia cholérica do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto, resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dous illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e alliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de cor nas apimentadas e nedeas faces de sua ex.^a.

Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste de martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento, de que o castigo de tão desgrehada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste, e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

Mas o canto II ia acabando, e o III principiava.

Todas as furias do orgulho, da vaidade, e da desesperação, se desencadearam no peito de sua ex.^a. Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ia acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares, ou arremettiam contra o solideo, innocente n'aquelle desacato metrico...

De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito, e vinha expirar nas dobras oleosas da boca, ao passo, que levantando meio corpo, dava a entender, que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas moças eram superiores á sua forçada longanimidade! «Veja v. ex.^a! Veja!» exclama com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, em quanto os olhos, como dous punhaes, queriam varar o coração do poeta.

Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquillizasse, assestava-lhe a luneta mais de alto, e franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

Durou esta incrível comedia até ao VI canto. Ali a paciencia do bispo, e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

A descripção dos agoutos da sua sesta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afeiadas pelo ridiculo de que as ungira o poeta, acabaram de transtornar a cabeça ao bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulia mola o fizesse saltar, estendendo o braço ameaçador, e rangendo os dentes.

O ministro abysmou a gravidade n'uma gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder.

O poeta, que sem atinar porque, se levantára tambem, lia no meio das contorções, e dos arrancos da

ira episcopal estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez:

Finalmente, ao montar á carruagem,
Batendo um grão bisouro as negras azas
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
E um pardal lhe esterçou no tejadilho.

Não podia ir mais por diante a scena sem degenerar de todo em farsa!

Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença, disse-lhe: «Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. ex.^a... Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe, que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.»

O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

O prelado multiplicou as cortezas e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

Depois de o ver saír, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e accrescentou: «Então que é isto, sr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum lugar mais alto para o mudar de ares... Não quero que s. ex.^a diga, que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Vá para sua casa, e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

O Diniz foi. Passados dias entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!

Peco venia aos leitores por esta larga digressão; mas entendo que ella não será de todo inutil para o esboço da epocha, e como anecdota litteraria cabe na parte biographica de um estudo de alguma extensão.

Colhi-a da boca de meu pae, e não é sem grande saudade que a reproduzo, com menos viveza e cor do que elle, porque ninguem narrava com mais graça e animação uma historia contemporanea, ou uma tradição mais ou menos remota.

Se não me engano, a scena do bispo, do ministro e do poeta, foi-lhe descripta por José de Scabra da Silva, e todos sabem que o velho secretario de estado de el-rei D. José e da rainha D. Maria I era um dos nossos mais espirituosos e finos conversadores, conceda-se-nos o uso da palavra! Essa escola de homens, sabios, probos e agradaveis na intimidade domestica, quasi que finalizou sem deixar herdeiros. Não me lembro hoje senão de um ancião, a todos os respeitos veneravel, que a represente, é o sr. marquez de Rezende.

Ajuntei estas linhas para que não se acreditasse, que certa inclinação ao romance me tinha attrahido, e que o desejo de desenhar tres figuras em acção me fizera esquecer as leis da veracidade.

Procurro separar os generos; e se me abalancei a metter aqui um episodio, bastante longo, tenho o exemplo de Villemain, e de bons auctores para me desculpar. A anecdota litteraria não é deformidade em um ensaio d'este genero; e ás vezes diz mais sobre as cousas, e sobre os homens, do que prolixas considerações e volumosas criticas. Estou muito longe dos mestres, mas seguil-os, como posso, é o meu empenho.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

O OPIO NO DICCIONARIO POLITICO (1).

Graças á Inglaterra, esta palavra, que não devia figurar senão em obras de therapeutica, se acha naturalmente n'aquelle dictionario. Com effeito, uma droga medicinal tornou-se nas mãos dos negociantes inglezes em alavanca politica.

Offerece tal interesse o artigo, que a este respeito escreveu no dictionario politico de G. Pagès mr. Frederic Lacroix, que para aqui o reproduziremos todo.

O opio considerado como veneno é hoje meio de conquista. A historia archivará este facto, como um phenomeno unico nos fastos do genero humano.

A companhia das Indias orientaes se havia lembrado, ha bons quarenta annos, que os chinezes eram o povo mais voluptuoso da terra, e que se iam principiando a entregar ao uso do opio. Por outra parte sabia que certas porções do seu territorio eram proprias á dormideira, d'onde se extrahe este succo venenoso. A cultura do opio foi immediatamente submettida ao monopolio, e as exportações que se fizeram da India para a China, foram coroadas pelo exito que se tinha calculado.

O governo de Pekin, que percebeu os estragos que esta droga funesta fazia nos seus subditos, tratou de prohibir-lhes o uso e a venda. Foi desde então que se estabeleceu activissimo contrabando no rio de Cantão, e sobre muitos pontos do littoral da China. Fizeram-se cúmplices dos inglezes, n'aquelle trafico illicito, os chinezes, cuja propensão para o narcotico era excitada pela perseguição. Subiu o consumo a tal ponto, que ao cabo de vinte annos era já dez vezes maior a cifra das vendas.

Não podia deixar de ser duplicadamente desastroso para o imperio chinês este estado de cousas. Em primeiro logar as transacções do opio faziam-se em dinheiro de contado, do que resultava uma perda annual de perto de cem milboões de francos em numerario e barras de ouro ou prata, que passavam para os cofres dos negociantes inglezes e da companhia; de fórma que a China devia, passados poucos annos, achar-se totalmente privada de riquezas metallicas. Depois, e esta consideração era não menos poderosa, o uso crescente do opio derramava a desmoralisação em todas as classes da sociedade chinesa, e augmentava n'uma proporção formidavel o numero dos obitos annuaes.

Em vista da quantidade de opio importado, do pezo de cada caixa, do maximo do que o mais acerrimo fumante póde consumir por dia, e do tempo medio do envenenamento, é facil apreciar approximativamente o numero de individuos annualmente desmoralisados e assassinados. Os algarismos que se seguem, colhidos nos dados officiaes, são, a nosso ver, assás curiosos, para que não figurassem n'esta noticia.

A caixa d'opio peza, termo medio, 100 cattes, ou 61 kilogrammas.

Em 1836 e 1837 foi a importação de 34:000 caixas, quer dizer 2.074:000 kilogrammas.

O maximo do que póde consumir quotidianamente o maior fumante d'opio, é de 3 a 6 drachmas inglezas (12 a 24 grammas) ou, termo medio, 4 drachmas e meia (18 grammas) que, multiplicadas por trinta dias, dão 6:570 grammas, ou 12 kilogrammas e meio por anno.

(1) Veja-se sobre o opio o vol. III da 1.ª serie d'este semanario, a pag. 48, e o vol. II da 2.ª serie, (7.ª da collecção) a pag. 248.

Se se dividirem 2.074:000 kilogrammas, somma da importação, por 12 kilogrammas e meio, maximo do consumo individual, obter-se-ha o numero de pessoas envenenadas annualmente; anda este numero por 319:077. Ora como o opio se póde fumar pelo menos duas vezes, passando sempre do cachimbo dos ricos para os dos criados e dos pobres, é mister dobrar aquella somma, e teremos então por anno 638:154 pessoas arruinadas, financeira, moral e physicamente.

Devem-se acrescentar mil caixas de opio turco, que representam 61:000 kilogrammas. Repetindo os mesmos calculos, acham-se mais 18:768 pessoas envenenadas por anno. Total 656:922 individuos.

O tempo medio do envenenamento para aquelles que não fazem demasiado abuso do opio, é de dez annos (os fumantes ficam desmoralisados e mortos intellectualmente muito antes dos dez annos, mas trata-se aqui da destruição physica). Portanto, suppondo que o consumo do opio não augmenta com o andar do tempo, ao cabo de dez annos, partindo de 1837, haverá na China 656:922 individuos mortos annualmente por esta substancia.

Se se reflectir agora que este vicio terrivel está principalmente generalisado no exercito, na classe mais illustrada, e entre os altos funcionarios, poder-se-ha fazer idéa das suas consequencias para o imperio da China.

Acreditar que a Inglaterra não viu n'este estado de cousas senão grandes vantagens commerciaes para os seus, para as suas possessões na India, e para si propria, seria dar prova de grande simplicidade, e ignorar completamente a natureza do caracter britannico.

De feito, n'esta questão tomou-se mais em consideração o lado politico, que o commercial. Quem ignora que é uma condição de existencia para a Grã-Bretanha descobrir, sem cessar, novas saídas para os seus productos? Ora a China, com os thesouros naturaes que possui, com aquella variedade de climas e de produções que por lá tem, com os seus grandes centros de população e genio industrioso, e em fim, com a extensão do seu littoral, é o paiz que mais devia tentar a cobiça ambiciosa dos fornecedores do mundo. Como, porém, agarrar esta preza? Á força d'armas? Tal expediente seria ruinoso, e não sem perigo. É mais seguro e mais commodo desmoralisar previamente o povo chinês, e embrutecel-o a ponto de não poder resistir. Compreende-se agora como o opio nas mãos dos inglezes se transformou em elemento politico.

Os chinezes, aterrados com os progressos da desmoralisação e despovoação do imperio, justamente desconfiados do partido que os inglezes poderiam tirar algum dia d'este desfallecimento continuo, pretenderam cortar o mal pela raiz. Prohibiram a venda fraudulenta e o uso do opio, sob penas espantosas. Quasi ao mesmo tempo os inglezes, que tinham provocado de toda a sorte o resentimento do imperador, foram expulsos do territorio chinês. Era muito boa occasião para que os agentes britannicos a deixassem perder. Combinaram os acontecimentos de maneira que fizessem nascer um conflicto desgraçado, d'onde se originou uma guerra seria entre a Inglaterra e a China. Viu-se n'esta lucta odiosa uma nação civilisada reivindicar pelas armas o direito de envenenar um povo de duzentos milhoões d'almas.

Os vencedores têm bastante tacto e prudencia para não precipitarem as consequencias de tão longo empenho. No primeiro momento favoravel, será o

opio que haja de transplantar, de futuro, o poder britannico para a China.

L.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE (1).

O passa-pau: não haverá meio de o acabar? — Um pacto ini-quo. — O colloquio. — Dous encontros. — É bom prever o futuro. — Uma sangria entre os papeis. — A anciedade e as dores. — Os Knockings africanos, ou uma scena de magnetismo. — A predicção.

VIII.

A desgraçada Kadé, no entanto, lá estava soffrendo o terrivel castigo do *passa-pau*, que se applica da maneira seguinte: despe-se o paciente, que se prende a um pau de pilão que lhe conserva as pernas abertas e o impossibilita de voltar-se ou de mover-se, e depois deitam-no de bruços, e alguns negros vigorosos armados com o chicote de duas ou de tres pernas, dão-lhe o numero de açoutes que a paixão e a colera ditaram como sentença. Foi d'aqui que essa punição cruel passou para Cabo Verde, onde não sei porque ainda o governo a consente, e não a tem prohibido com rigorosas penas.

— Fallar-lhe-hei com franqueza, é esse um objecto que por mais d'uma vez tem chamado as minhas attensões, ainda que bem pôde suppor que nunca o vi praticar; mas pela descripção que d'elle me tem feito algumas pessoas que por vezes o presenciaram, ou que mesmo o tem ordenado, é uma vergonha que se pratique n'um paiz christão, já não direi tanto pelo castigo em si, como pelas circumstancias que o acompanham. Aquella nudez (2), aquella posição humilhante da victima, e que é mais propria d'um animal do que de um ente, cuja configuração é a mesma que a nossa, pois sómente a côr o distingue do seu perseguidor e dos seus algozes, tem muito de vilipendiosa para o homem, e é inteiramente indigna de um christão. E depois, quantas vezes não será um ciume irreflectido e injusto, que leve uma pobre escrava áquelle supplicio? quantas vezes não será um meio infame de vencer justas e honrosas repugnancias, que irritam a lubricidade de um senhor devasso? Basta a possibilidade d'isso para que eu tivesse, como deixo dito, pensado mais d'uma vez no modo de lhe pôr cõbro. Comtudo nem o tenho feito, nem mesmo sei se poderei fazel-o. Vou dizer-lhe porque.

Não se pôde negar que os escravos commettem faltas que carecem de correcção, e outras mesmo que exigem um castigo severo. A prohibição do *passa-pau*, ou daria em resultado ser desobedecida, ou illudida, com mais ou menos habilidade; em ambos os quaes casos a auctoridade moral do governo ficaria gravemente compromettida; talvez tambem produziria nos negros a idéa da impunidade, e apoz ella a de que eram temidos; e eu não me atrevo a incorrer na responsabilidade dos crimes, e até dos graves acontecimentos contra a ordem publica que d'ahi resultariam n'um paiz quasi desprovido de força militar como é Cabo Verde, não só nas ilhas que tem apenas um destacamento de 7 ou 8 soldados, como até nas da Boa Vista e Santiago, onde essa força chega a ser 8 ou 10 vezes maior.

— Peço perdão se abuso da largueza que me dá pa-

ra fallar-lhe d'estas cousas; mas parece-me que me mostraria pouco digno da confiança, de que me dá uma prova tamanha, se não lhe dissesse com franqueza os meus sentimentos; e por outra parte receio offendel-o dizendo tudo o que penso, e como o penso; e assim não sei o que deva fazer, se fallar, se calar-me.

— Falle, falle, diga o que sente com a certeza de que me não escandaliso; é mesmo com estas conversações assim que tenho aprendido muitas cousas. Quem sabe se o que me vae dizer não será motivo para que eu vença as minhas hesitações, e que ache nas suas palavras a solução do problema que ha tantos mezes debalde procuro! Faz-me até muito favor em dizer o que pensa.

— A mim parece-me que isso que disse não é razão que auctorise a inacção do governo, inacção que deve envergonhal-o, e que até não acho que se combine muito com as idéas que por vezes me tem exposto; e outras que já aqui constavam. Eu convenho que em Guiné uma ordem do sr. governador para acabarem os castigos particulares não teria execução por muitas razões que é desnecessario referir, porque as conhece muito bem; mas não acontece o mesmo no archipelago, onde a acção do governo é mais forte, mais rapida e mais segura, por isso que lhe não faltam os meios de se fazer obedecido. Podia, em primeiro lugar, estabelecer que os açoutes, como castigo mais pezado, que por essa razão só se deve applicar em casos mais graves, deveria ser dado em publico por agente do governo, a quem os senhores dos escravos pagassem um tanto; ficando-lhe a estes sómente o direito de applicarem castigos correccionaes por pequenas faltas, como palmatoadas, ou outros semelhantes castigos. Podia em segundo lugar auctorisar-se os escravos para se irem queixar dos senhores, quando infringissem aquella ordem, ao administrador do concelho; e provada que fosse a desobediencia do senhor, punil-o a elle severamente. Por este meio evitavam-se os dous perigos de que se receia tanto. Os escravos sendo expectadores dos castigos que se applicavam a seus companheiros nem se julgariam auctorisados a fazer impunemente a seus senhores tudo quanto lhes viesse á cabeça, nem tão pouco chegariam a adquirir a idéa de que se tinha medo d'elles, e não se tornariam insolentes, nem temiveis para a paz publica; e os senhores tambem não se atreveriam a illudir as ordens do governo.

— Está enganado. Isso que acaba de dizer-me já me lembrou, foi até a primeira cousa que me occorreu; porque já estive no Rio de Janeiro, desde 1828 até fins de 1833, e vi que ali se davam os castigos de açoutes por intervenção da policia. Ao principio, segundo me parece que ouvi dizer, no largo do Capim, e depois do estabelecimento do governo constitucional, no castello; ao menos, e d'isso me lembro muito bem, no tempo em que lá estive, esses castigos era n'este ultimo lugar que se davam em virtude de um bilhete da policia, que o senhor alcançava mediante a sua declaração. Vinha portanto a auctoridade publica a ser o executor dos caprichos, ou da paixão do senhor, porque era elle que arbitrava o numero dos açoutes que se deviam dar ao seu escravo. Esse papel julgo-o ou muito abaixo da dignidade do governo, que executa as leis do paiz em beneficio da communidade, mas que se avilta quando desce a ser executor dos caprichos de um particular, e n'um interesse individual.

Queria que interviesse um processo prexio á ap-

(1) Continuado de pag. 175 do presente volume.

(2) Em Cabo Verde a nudez não é tal, que o paciente fique inteiramente descomposto; mas é bastante para merecer algum reparo, porque offende o pudor.

plicação do castigo? quem havia de ser o juiz? qual o código ou a lei por onde se devia regular o processo e o julgamento? que papel havia de fazer ali o senhor? era o accusador? o escravo era o réu? teria de ficar forro para comparecer em juízo? teria de continuar a ser escravo, faltando-se assim a todos os principios que exigem uma inteira e perfeita igualdade e gozo de direitos entre os licitantes? inquirir-se-lam testemunhas? Veja que multidão de questões a resolver, e sem o poderem ser, porque o governador não tem para isso poder.

Se se fizer obra só pela declaração do senhor, estamos no mesmo caso vergonhoso que entendo que se deve evitar pôr honra da auctoridade publica. Se se formar uma tabella de faltas com o numero correspondente de açoutes, caímos n'um outro perigo; ou se ha de dar uma latitude discricionaria a quem quer que haja de applicar a pena ao delicto, porque muitos casos estarão omissos; e seria esse poder discricionario o estabelecimento d'uma dictadura de sangue contra infelizes dignos de dó, ou ha de haver a impunidade para muitos factos, impunidade que importa um grave prejuizo para a boa ordem e policia domestica, pois se tirará com ella ao senhor a força moral de que necessita em presença de seus escravos. Mas ainda ha outro perigo, que não reputo de menor importancia, e pelo contrario me inclino a crer que é de muito maior importancia; quem é que havia de ter em conta as circumstancias que aggravaram, ou que attenuaram o delicto, visto que a tabella não se podia fazer cargo d'ellas?

Tambem sou contra esta especie de castigos em publico, porque me parece que tornam os costumes mais ferozes pelo aspecto do sangue, quando o interesse de um bom governo é que elles se tornem doces e benignos sem degenerarem em molleza e effeminação; e porque podem crear a indifferença pelo soffrimento, o que muito aproxima o homem do bruto, para que, mesmo por esse lado, não existisse uma repugnancia invencivel no meu animo. Isto pelo que respeita á primeira parte das suas observações.

Se considero as outras, vejo n'essa auctorisação aos escravos para se queixarem de seus senhores uma inutilidade, ou um grande perigo. Uma inutilidade, porque essa auctorisação é de direito natural, e de direito escripto, e em ambos os casos a declaração não é necessaria por dar-lhes só o que já tem, e de que mais d'uma vez tem usado. Verdade é que quasi sempre em desvantagem sua, por culpa das auctoridades locais, culpa que nem é possível prevenir, nem facil de punir por muitas causas, entre as quaes não é a menor a legislação viciosa que temos; mas isso mesmo prova mais contra a declaração. Um grande perigo, porque se ella quer dizer mais do que parece n'esse caso é a organização de um systema d'espionagem e d'oppressão insupportaveis por irem devassar o lar domestico: ora eu nunca adoptarei um tal systema, e sem elle a nova concessão tornaria peor a condição do escravo; pois a quem se havia de acreditar, quando o escravo affirmasse, e o senhor negasse? bem se sabe que o direito de queixa não se havia de restringir só ao passa-pau, mas a outro qualquer castigo em que o senhor se excedesse! Se se aceitasse a declaração do escravo, como prova provada, ou a negativa do senhor, seria isso a inversão de todas as regras da justiça; se não se aceitasse nem uma, nem outra sem a prova testemunhal, o perigo não era menor. Quem havia de depor? Os outros escravos? e porque não tambem os homens livres? e n'uma contradicção entre os depoimentos de uns e

de outros, o que se havia de fazer? qualquer que fosse o arbitrio podia seguir-se a injustiça: e sendo escravos só os depoentes, nem assim se fugia a ella, pois que o prejuizo podia existir, quer a favor do negro, por espirito de classe e por odio ao senhor, ou pelo receio das vinganças d'este contra aquelle; ou por malquerenças dos outros escravos contra elle. E não se diga que um exame no corpo do escravo podia habilitar a justiça a decidir, pois sabe tambem como eu, ou melhor, que o corpo d'um negro, passadas algumas horas, já não mostra vergões, nem signaes alguns, que n'um branco são evidentes ainda passados alguns dias.

O que se tirava pois era um devassamento dos segredos de familia, que podiam algumas vezes trazer consigo rixas e inimizades de muitos annos com prejuizo da paz e da moralidade publica, e sem nenhuma vantagem para os individuos d'essa infeliz classe, os escravos.

— Agora reconheço que tem examinado a questão por o seu lado pratico, e que mostra que lhe tem merecido verdadeiros cuidados; pois é esse o ultimo lado por onde se examina uma questão, e que as mais das vezes até deixa de o ser. Mas não ha de ter remedio um mal tamanho?

— Póde, e ha de tel-o, mas não por esses meios abruptos com que agora é moda querer abafar as questões, que por isso se complicam e aggravam mais. A mim tinha-me esquecido tocar uma especie, que aliás me suscitaram as suas reflexões; e portanto agora só lhe direi, que os obstaculos que reconhece existirem em Guiné, já com relação ás distancias, já com relação aos funcionarios, não são menores, pelo contrario, são iguaes aos que se dão aqui. Entenda-me como quizer. Os escravos têm por si a lei, que prohibe aos senhores dar-lhes castigos superiores aos que dariam a creados de condição livre, sendo punidos no caso contrario. Por ora é o que basta, porque sabendo a auctoridade que essa lei foi infringida, vae inquirir, e procede como é de direito (1), da mesma sorte que se tratasse d'uma pessoa de condição livre. Existem abusos é verdade; mas quem póde ter a pretensão de querer destruir todos os abusos? quem é que á conta d'isso ousará estabelecer um infame systema de delação no interior das familias? A administração tambem deve ter o seu pudor; e muito mais quando não póde punir certos crimes senão com o emprego de meios tyrannicos e indignos. A reforma radical ha de conseguir-se quando a metropole se convencer de que só por meio da religião póde completar a civilização d'estes povos, que barbara e irreflectidamente interrompen; e isso não póde tardar, a não suppormos que Portugal enlouqueceu, e que o seu governo ignora o que deve aos institutos religiosos, mesmo na especialidade que nos tem occupado.

Mas, agora me lembro, que nos temos alongado muito da nossa historia: poderíamos tornar a entrar n'ella?

— É mesmo o que eu ia fazer. Dous vigorosos e membrudos negros desatregavam alternativamente seus golpes sobre Kadé, lançada de brucos no chão, e que atroava os ares com seus gritos. Uma vez chamava a Ondotó que lhe accudisse; outras vezes accusava-se da traição de que se tinha prestado a ser

(1) Isso vernicou-se mais tarde na Ilha da Boa Vista a respeito da morte d'um negro, que se dizia ter morrido em consequência de castigos muito rigorosos que se lhe deram; vindo, pelos procedimentos judiciaes que se ordenaram, a provar-se que o escravo se tinha suicidado, como usam os negros da nação a que elle pertencia.

o vil instrumento, e que seus cúmplices agora voltavam também contra ella; e os golpes caíam monotonos e regulares como o *balancé* d'uma machina, e cortavam estes clamores e as vozes de Pimping e de Valerio, que animavam os executores de suas vinganças; pouco a pouco as queixas da victima se foram sumindo, os seus gemidos depois, e por fim já se não ouviam mais que os ais surdos e cortados, que se seguiam ao som abafado das pancadas que caíam sobre um corpo quasi inanimado.

Valerio, que temia as consequências d'um processo por homicidio, mandou suspender a execução, porque Pimping no seu orgulho inglez nem de tal se lembrava. Transportou-se então Kadé para uma das cabanas dos escravos, e ali lhe chapinharam o corpo com uma rodilha molhada em vinagre, onde se tinha dissolvido uma mão cheia de sal para evitar a gangrena.

Ondotó, esse continuava no seu deliquio, de que por fim o retiraram dando-lhe saes a cheirar, e untando-lhe as fontes e os pulsos com agua de colonia; á força de cuidados tornou a si, levantando com custo primeiro a cabeça, depois o resto do corpo até ficar sentado; seus olhos espantados vagueavam indecisos de um e outro lado, como quem não tinha nenhuma consciencia de si, nem do lugar onde se achava; e a isso ajudava-o o silencio que reinava na sala, silencio tamanho que se ouvia a musica dos mosquitos esvoaçando. N'este vaguear d'olhos percebeu a figura pallida de Pimping, ainda mais pallida, porque sobresaía das almofadas verdes da cadeira á Voltaire, onde se tinha ido sentar depois que concluiu a execução de Kadé; e pelo fogo que lhe illuminou os olhos, e pela expressão de raiva que tomaram os musculos do rosto, conheceu Valerio que Ondotó estava já no pleno uso de sua razão.

Era muito para ver o carinho com que Valerio apertava contra o peito a cabeça de Ondotó! com que ternura nos modos (que não combinavam muito bem com as interjeições que soltava a meia voz, e que arrancavam um sorriso dos beiços fendidos a canivete de Pimping), lhe esfregava as mãos e os pulsos com agua de colonia, e lhe chegava os saes! Quem visse o interesse com que Valerio chamou para si o meio corpo de Ondotó, enlaçando-o com o braço esquerdo, em quanto que com o direito indicava imperiosamente a Pimping que se retirasse d'ali para não aggravar com a sua presença os tormentos moraes da sua victima; diria que era grande a sua anciedade pelo papel, e que este, immensamente injusto, tinha repellido, e tratado mesmo com desprezo, quem pelo contrario era digno de que a mais fina amisade recompensasse tão bellas qualidades, quaes as que n'este momento manifestava, e que não podiam deixar de nascer d'um coração bem formado.

Foi mesmo isso o que sentiu Ondotó, quando tornou a si, e viu onde estava, e como estava; quando viu a violencia affectuosa com que Valerio o puxou contra si, e lhe descansou a cabeça sobre o proprio hombro, e forçando Pimping a retirar-se. Isto que via, o que a imaginação, ainda algum tanto confusa, lhe retracava, e em que nada havia de que pudesse queixar-se de Valerio, a lembrança da aversão tão sem causa e tão injuriosa que lhe mostrava, e de que Valerio se vingava tão nobremente, tudo lhe causou uma tamanha dor de sua injustiça, que levantou os braços deitando-os ao pescoço de Valerio, e puxando-lhe o rosto para sobre o seu, lhe disse com os olhos arrasados de lagrimas.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



DANIEL DANCER.

Daniel Dancer é um dos typos mais perfeitos que a historia nos apresenta do usurario. Nasceu em Harrow no anno de 1716. Herdeiro de uma fortuna consideravel, tornou-se de repente avaro. Vivia n'uma casa de campo, juntamente com sua irmã, que era tão miseravel como elle. Depois da morte d'esta Daniel reduziu a metade o fornecimento que fazia de provisões, para se fazer uma idéa da sua exiguidade basta dizer que lhe não custavam mais de meio tostão cada dia!

Daniel andava n'um estado que mettia compaixão; o facto trazia-o cheio de passagens e remendos, e o calçado, a poder de concertos, feitos por elle mesmo, apresentava fórmas desconhecidas e extravagantes. Pela manhã ia lavar-se á fonte, e para poupar a toalha, esperava que o sol ou o ar lhe enxugasse a cara e as mãos.

A sua apparencia era tão pobre que muitos de boa fé lhe davam esmolla, e elle acceitava. Diz-se até que era raro o dia em que não recolhia com um bom par de vintens, arrancados á caridade publica.

Desde que fallecêra sua irmã nunca mais havia mudado de roupa na cama, e isto por espaço de muitos annos; a final atirou-se para cima de uns trapos velhos, e morreu. Encontraram-se-lhes em dinheiro perto de dezoito contos de réis. O rendimento annual dos bens rusticos que legou em testamento não montava a menos de treze contos de réis!

RECTIFICAÇÃO. — Na pagina 387, linha 7, onde se lê *Conceição Nova*, deve lêr-se *Conceição Velha*.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou por carta franca dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.